



Galato

Avença



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano VI—N.º 140 Preço 1800

Rédação, Administração e Proprietária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 9 de Julho de 1949 | Vales do Correio para CETE

Carta do Brasil

SE bem me ricordo, acabamos a última por dizer que Zé Eduardo havia de ir a terra na cidade do Salvador, despachar o correio, mas tal não aconteceu; atracamos alta noite e aquela repartição estava fechada. Zé Eduardo foi a terra, mesmo assim, com uma família idónea. Trouxe laranjas, trouxe bananas e viu comprar muitos papagaios. Comemos laranjas até ao Rio. Laranjas da Bahia! Vale a pena vir ali, da Eurapa, para as saborear.

Eu deixei-me ficar a bordo do paquete. Quando tal, sou abeirado por um rôr de homens; eram jornalistas. Jornalistas e fotografos. Vinham saber coisas e tirar o meu retrato. Recusei-me. Eles que sim, eu que não, e chegamos quâsi ao rubro: então o Arcebispo da Bahia, que é Primaz do Brasil, anda nos jornais e o Siô não quê ficá!?

Não quis ficar e refugiei-me no camarote. Gastamos três dias no trajecto do Brasil. Entraram muitos passageiros; famílias inteiras que iam fazer uso de águas termais e repouso, no Estado de Minas Gerais. Da Bahia não vi nada por termos entrado e saído de noite. No Rio, foi o nevoeiro que impediu. Pouca sorte, disse o Zé Eduardo. Atracamos. Ai vêm os jornalistas mai-los retratistas, e então aqui é que foi! Corria voz que no Serpa Pinto viajava um selvagem com medo aos retratos. Era comunicação da Imprensa da Bahia. Fui abeirado, e fui vendido. Nessa tarde e no dia seguinte, jorrou tinta em todos os jornais cariocas!

Do cais fomos tomar um Porto à Casa do Porto; o seu presidente, Marques da Silva, um jovem do Porto, foi número um desde a minha entrada no Brasil. Delirei ao encontrar ali muitos que tinham estado de visitas às nossas casas e que me falavam dos nomes pitorescos e das suas missões de cicerones. Pedi-lhes por amor de Deus que se calassem...

Tinha uma cela reservada no Mosteiro de S. Bento e eram cinco da tarde quando ali cheguei. Os monges iam justamente rezar vésperas da festa solene do Coração de Jesus, e eu comecei por elas. Não podia ser melhor hora, nem havê-la tão desejada! Eu peço desculpa aos meus leitores, destas íntimas confidências que aqui e além me escapam, mas eu tenho de dizer. Eu sinto fome e sede de dizer. Ainda que muito peze a indiferentes e descrentes, eu peço que se não molestem nem me levem a mal, declarando deste sítio aonde me encontro, que quero ser por todo o tempo adorador fervoroso de um só Deus. A festa do Coração de Jesus num mosteiro beneditino; foi Deus que me trouxe aqui para assistir a ela.

Regalei-me. Cuidei que vinha buscar donativos para a Obra da Rua, e eis que se me depara esta fortuna imensa e inenarrável — trinta dias cheios como um ovo! Afeito, como todos estamos em Portugal, e ver mosteiros beneditinos profanados e agonisantes, encontro aqui um de traça portuguesa, a falar português e pujante de vida. Sinos, culto, claustro aonde os irmãos são inumados, refeitório, silêncio. Nada aqui é vulgar. As coisas mais insignificantes, tem altura. Eu vivi, vivi, vivi nestas e destas alturas.

Sr. D. Gabriel de Sousa, Abade de Singeverga; a vossa comunidade tem espírito, mas

falta-lhe o corpo. Faça um mosteiro. Não há ninguém hoje em Portugal que tenha voz como a Sua para falar aos ministros e dizer o que pretende. O governo português ainda hoje se serve dos nossos antigos mosteiros para cobrar taxas, ministrar justiça, fazer leis, dar ensino, tratar doentes, amparar velhos, proteger crianças e obrigar tropas. Sim. Vossa Paternidade tem a palavra. Risque. Comece já. Nunca tanto desejei um mosteiro beneditino, vivo e ocupado, como agora, que tive o ensejo feliz de observar e conviver com os monges. Esta consolação desejo-a eu para outros. Que os portugueses, em Portugal, a possam também gozar. O espírito está em Singeverga, sim. Que se levante o corpo, para ser obra completa. E assim termino hoje esta carta do Brasil.

NOTA DA QUINZENA

Todos os ilustres redactores do Famoso falaram no assunto actual: Viagem do Pai Américo ao Brasil.

Não quero tocar na mesma tecla para não maçar. Contudo não posso deixar no olvido a nota para mim mais simbólica desta transitória separação: as lágrimas dos que por cá ficam a chorar por ele!

Mas quem há aí que possa chorar, quando todo o mundo de cá e de lá do oceano, se regozija com uma viagem que se entolha triunfal?

Quem havia de ser?—Os Pobres! Os Pobres do Barrêdo.

Não são conjecturas minhas. Eu vi correr-lhes as lágrimas sinceras e quentes.

—Dizem p'raí que vai ao Brasil?

—?!

—Só o que é bom é que se vai. Ai, que há-de ser de nós!...

Assim chorava o pobre tuberculoso, pregado a um miserável catre encostado à penedia do Barrêdo. E, logo à frente uma viuva, com uns poucos de filhos, gemia também pela falta que o auxílio semanal lhe ia fazer.

—Mas eu deixo cá quem me substitua—confortava o P.º Américo. A pobre olhava para mim com desconfiança. Achava-me pequeno de mais e confessava a sua desilusão com franqueza que aprecio.

—Ah! ninguém o pode substituir...

Tinha razão. Os pobres de Coimbra diziam o mesmo quando ele retirou para o Porto, ao fundar a Aldeia de Paço de Sousa.

E' que a sensibilidade da pobreza é tão delicada que só a verdadeira Caridade pode lidar com ela sem a ferir. Quantas vezes tenho ouvido lamentar os inqueritos oficiais mesmo feitos com o intuito de auxiliar... Era isto que Vicente de Paulo queria evitar quando aconselhava: Amal,



Mais a casa de Miranda. Agora não é paisagem. Não é canto nem recanto; é um quadro de vida que se não pode definir. Este pequenino dormia ao relento dos beirais das portas. Tinha escondida no peito uma luz que nunca ninguém viu e agora com essa mesma luz, ele causa infinita alegria à tua alma.

amai muito a pobre para que vos perdõe o bem que lhe fazeis.

A humanidade tem visto surgir no seu seio verdadeiros génios em todos os sectores de ciências e artes. Os mais raros são ainda os que aparecem no campo do altruísmo.

A Providência contudo, suscita-os nas horas mais difíceis e onde a ostentação e grandeza fazem perder de vista, as lágrimas e gemidos dos pequeninos. Francisco de Assis aparece a contrastar com o esbanjamento das côrtes da Idade Média; Vicente de Paulo vem condenar a opulência da côrte da França; S. Antonino surge na sua modéstia a causticar a grandeza da cidade de Florença.

Um dia visitava aquela cidade com outros peregrinos. Entrei por acaso, no convento de S. Marcos. Numerosos grupos de turistas paravam extasiados perante as pinturas de Fra Angélico espalhadas pelas celas do convento. A certa altura levantei os olhos e dei com eles nesta legenda—«Cela N.º 11. Aqui viveu S. Antonino». Já não vi mais nada em Florença. Entrei, ajoelhei e rezei como nunca. Porquê?

Por me lembrar daquela cena patética que escandalizava a clerizia e a nobreza da cidade de Miguel Angelo—todas as tardes Antonino apeava da sua mula para a levar pela arreata a beber à fonte da praça, ao regressar da casa dos pobres, onde ia distribuir o pão de que necessitavam. Ele, o Arcebispo! Que escândalo!!

Por isso os pobres o choraram, como choram sempre que perdem aqueles a quem dão o maior título que se pode obter na terra—Pai dos pobres.

Chorado foi o Padre Cruz; chorado foi o Padre Baltazar. Deante dos fortes a pedir protecção; deante dos juizes a clamar justiça; deante dos famintos a distribuir o pão—não há rei nem potentado que se não curve reverente.

O povo canoniza-os na terra e Deus coroa-os na glória!

P.º ADRIANO.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrasado... 182.500\$00

Antes de mais nada, uma notícia sensacional: A maquinaria saiu da Alfândega! São dez toneladas de rodas e parafusos que estão a carregar, para começarem a ser colocados durante esta semana.

O nosso amigo do Ministério telefonou logo a oferecer os préstimos para quebrar o atilho, mas já não foram necessários desta vez. E queria que a nova se comunicasse logo pelo telefone para o Brasil. Como isso ficava caro, as asas dum Pan America encarregaram-se de levar a alegre notícia.

Quem nas nossas praias assistiu à saída dalguma rede, sabe o que é a lufa-lufa daquela hora decisiva. Há pragas, promessas e gritos; há vozes de comando e incitamento; há desabafos de desânimo e explosões de alegria. Homens, animais, mulheres e crianças tudo puxa a unísono. Um engata outro desata; este enrola aquele arrola e em poucos momentos o peixe corre veloz pelas estradas de Portugal a matar a fome aos pobres e aos ricos.

Senhores leitores e amigos da Obra da Rua, estamos no momento decisivo!

Lançamos em boa hora a rede. Vai a sair cheinha de esperanças e certezas. Todos tem que puxar. Esta voz não sai daqui; é dos nossos leitores—lancem a ideia: que a nossa tipografia esteja paga, à chegada do Pai Américo.

Vamos lá então senhores.

Venham os namorados engrassar a ala, venham os pobres e os capitalistas; os casais unidos e desunidos; crianças tenras e nascituras. Rapazes e Homens de amanhã; ateus, protestantes e católicos; penitentes, moribundos e defuntos; clero, nobreza e povo; a prestações, a valer por um, por cinco, por dez ou por vinte—venham lá! Coragem!

Até agora tinham entrado na sublime coluna 1825 penitentes, hoje sobe a 2010. Para cinco mil, faltam 3.000 mas os leitores de «O Gaiato», são, no dizer do chefe da Administração, para cima de 15.000. Onde estão eles? Homens de pouca fé!

Um leitor de Castro d'Aire, traz hoje um novo qualificativo—*fileira heroica*. Diz bem: quantos heróis e heroínas se tem visto por aqui passar. Eles continuam. Só temos pena de os não podermos identificar todos, por falta de espaço. Entretanto uma palavra de alguns e notícia do resto.

«Sempre leio com interesse todo «O Gaiato», mas talvez com mais curiosidade a nossa tipografia, a ver se lá vem o patriotismo da gente da minha terra.—Desejava saber se a minha Vila quer merecer a regeneração dum filho que aí tem *Sou doente e pobre* mas não quero que a nossa tipografia falte o impulso de Castro d'Aire.—Envia a sua cota e assina—*Pobrezinha castrense*. Não é um, são dois os filhos daquela vila. Ate-tados por sinal. Um deles frequentava aqui a 4.ª classe e o professor queria dele uma distinção. Vai-se a ver a documentação e, não tinha ainda feito o 1.º grau. No último período fugiu à escola da terra. Teve que voltar atrás o esperto que pretendia galgar a lei.

Mais vinte penitentes que se desobrigam nas casas de Coimbra e cinquenta no Montepio e Tojal. Mais Lisboa: um amigo meteu-me «O Gaiato» em casa. Recebido com aborrecimento, depois com indiferença, lido por curiosidade (à falta de melhor) é hoje a leitura mais desejada do meu lar». Outra vez Lisboa—*uma alma acanhada*, que sentiu vergonha do seu *medinho* pelo dia de amanhã e que beija as mãos do moribundo que se desfaz dos seus objectos para acudir à tipografia. Avança. Sim senhor, eu rezo: São tantas as pessoas a pedir, que, para não esquecer estas colunas são feitas a rezar. Outra vez os namorados: «eu e meu noivo enviamos esta libra para ajudar a tão precisa tipografia. O nosso desejo era enviar o dinheiro que ela vale, mas como ainda não ganhamos, apesar de formados em curso superior, não temos ainda dinheiro nosso e vai então esta recordação de família».

Como não há lá a benção de Deus frutificar num futuro casal que, em vez das frequentes banalidades, se entretém a fazer declarações de amor aos filhos de ninguém!

Agora o Porto, no Espelho da Moda; outra vez no Porto, e mais o Dr. H. a valer por cinco.

Mais prestações de Vila Nova de Gaia, a ultima, com a alegria de chegar ao fim, e poder recomçar. E' com muito poucos que a Obra se torna grande. E' vora, alguém começa às prestações. Os pobres voltam a figurar. Eles os grandes heróis desta coluna.

Lourenço Marques a valer por nove para apressar o passo, e Inhambane.

Mais uma família inteira; é lembrança da mãe de acordo com as filhas e esposo. E' tão difícil a união no dar... mas esta coluna tem o condão de unir. Mais alguém que acende a sua vela, na altura em que se não quer enganar nas encruzilhadas da vida e em acção de graças pelo muito que d'Ele recebeu». Sim confiança: Ele é o caminho, a luz, e vida, quem O segue não erra. Agora Alcântara, de alguém que tem igual amor a todas as casas e quer que se reparta pelas três segundo a lei dos terços. Meu amigo, se tem tanto amor à justiça distributiva, então tome nota: as casas são sete, por enquanto e se o fogo pega ao Brasil, com dizem os jornais de hoje, então não sei onde iremos parar. Risque lá—terços e ponha sétimos e reponha o que falta.

Entra agora Napolião na sublime coluna a valer por vinte. E' do Porto mas traz ares das *bandas de lá*. E o mesmo que deixa 10.100 cruzeiros etc. etc. Se o outro homónimo fôra vivo, teríamos outro Waterloo em Paço de Sousa. Mais Benguela com «cem por mim, pois também quero ser da *fileira*, 25 pelos meus alunos da escola primária e trinta dos meus alunos do curso liceal do Colégio Pedro Nunes. Há quem diga que a salvação da Europa carcomida há-de vir de A'frica. Eis um preânúncio. Mais Lisboa, agradecendo os momentos de emoção que o famoso lhe proporciona.

Outra vez alguém a pedir uma prece por pessoa muito querida e muito doente. Rezem os leitores que eu já não posso mais! Mais um grupo de Lisboa que vale por dois e meio e um moço com meia razão da mesma terra. São visitantes, que com mais visitantes e outros visitantes uns às prestações, outros a valer por meio, por um, dois, três, cinco, chegam todos unidos a valer vinte e quatro heróicos soldados. Mais Setúbal a valer por dez, para os calços das máquinas. Mais um do Rio a valer por cinco, para a graxa da nossa tipografia e outro brasileiro a valer

por dois. Mais Beja com uma prestação de 260; Seixal com dois funcionários com duas prestações; Febres, Lapa, Benguela e Lourenço Marques e Porto, com números vários a valer por cinco e pico. Outra vez Lisboa e Anadia com uma prestação; Porto, idem, idem, dum casal muito unido, com pena de só agora conhecer «O Gaiato». Mais uma 2.ª prestação de Lisboa. Entra agora um bando de esperançosos alunos do 1.º ano da turma B. do Liceu Nacional de Chaves a marcar presença. Mais Elvas, «duma promessa que fiz e que foi aceite por N. Senhor—para aliviar as enormes dificuldades que tenho, com uma grande casa de família que Deus me deu».

Cá está outro especulador das promessas divinas. S.to Tirso—de alguém profundamente emocionado. Covilhã, Lisboa uma família a valer por três. Mais alunos pobresinhos (uma escola de Gondomar. Porto, para um parafuso. Porto, «com alegria de ver chegar o dia da minha desobriga». Mais vinte p'ra papel que gastarem em experiências com as máquinas. Vila da Feira. Um casal da Murtosa. E uma Maria, do Porto. E outra vez Murtosa. Mais um assinante do famoso, empregado da C. P. que reuniu 150\$ entre os companheiros do trabalho, «serralheiros de secção de Montagem de Máquinas das Oficinas do Minho e Douro. Mais mil do Porto, com um solene introito de quem entra em lugar sagrado: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mais 161\$ no banquete dos empregados da Casa Alba, e 430\$ em reunião de curso.

Por hoje fechamos com Luanda e Lourenço Marques. E' uma velhinha que ainda espera ler «O Gaiato» impresso pelos Gaiatos, e um amigo nosso que reforçou o cheque apesar de não gostar dos padres. No Porto outro amigo que não gosta deles.

Que se há-de fazer... gostos não se discutem. Mais 15\$ para o parafuso mais pequenino da nossa tipografia em sufrágio da alma da nossa avosinha. Aqui ficam os valentes deante dos pequeninos para ver se ao menos neles reconhecem a imagem do mesmo Pai que nos criou.

Vamos lá somar.

Atrasado 182.500\$00

Hoje 18.500\$00

201.000\$00



Cantinho dos Rapazes

Não quero armar em mestre nem pedagogo, ao dirigir-me a vós, meus caros Rapazes, pela primeira vez. Queria somente pedir-vos que me acompanhásseis à cidade do Porto, a colher uma lição, que eu muito desejava gravar nas vossas almas. Não sou eu que falo: são os acontecimentos que hão de ficar para a história.

Subíamos do Barrêdo. Passámos em frente da casa onde nasceu o Infante D. Henrique. Uma reliquia dos tempos áureos. Um pouco acima cortámos à direita, para uma rua estreita. Logo à entrada um venerável ancião, sai da sua loja de tintas e ferragens, a estender a mão ao nosso Pai Américo. Beijou-a com devoção. Entramos. A conversa vai recordar peripécias dos tempos antigos.

—O' P.º Américo, como os tempos mudam!

—E' verdade, sr. Custodinho.

—Olhe: ainda ali está o seu quarto—e apontava para uma sacada que ficava de frente, e continuou—quem diria que o Ameriquinho havia de ser o homem mais falado de Portugal!

Que se tinha passado?

P.º Américo contou-mo confidencialmente, enquanto subíamos a rua que vem ter a S. Bento.

À sair do Colégio (S.ta Quitéria—Felgueiras) o pai arranjou lhe um emprego no Porto, numa loja de tintas e ferragens. A mãe é que não sabia o género de trabalho nem o patrão que ele tinha. Um dia deixou a aldeia e veio à cidade observar. Entrou no estabelecimento. Como sempre o Américo andava a aviar recados, entregando encomendas aos frêgueses: ceiras de pregos, tintas etc.

Ela não gostou e logo lho fez sentir.

De volta à aldeia, ralhou com o marido, nestes termos: eu não criei um filho para ele andar a vender ferraduras pelo Porto!!

E tanto ralhou que conseguiu tirá-lo do estabelecimento. Pouco depois, o Américo, com 17 anos seguia para Moçambique. Lá se empregou numa companhia Anglo-Portuguesa, onde, pela sua inteligência, rectidão, e dedicação, conseguiu subir, fazer fortuna...

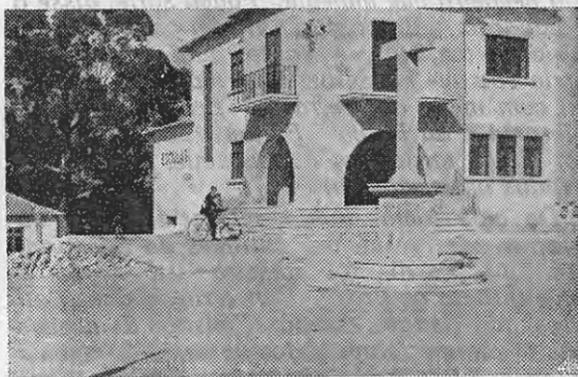
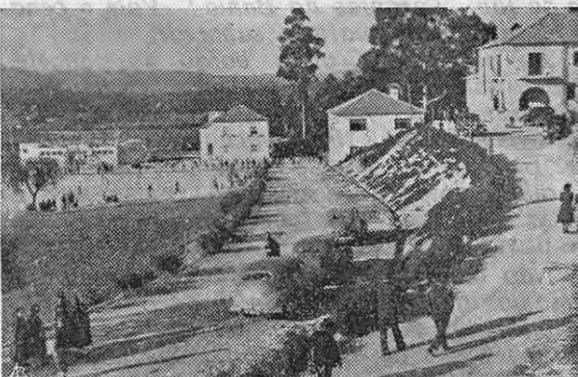
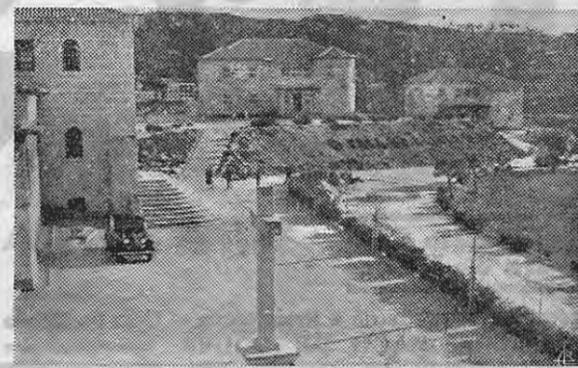
De lá a Providência o foi buscar, para dar um Pai às crianças sem ele—a vós todos, meus caros Rapazes.

Onde está então a lição?

Nisto: nenhum trabalho é indigno de vós. São muito raros os homens com qualidades de comando, embora seja infinito o número dos que pretendam mandar, dominar. Se a Providência vos dotou, se cultivardes o vosso espírito, fazendo render os talentos recebidos; se em vós os homens reconhecerem qualidades de trabalho, espírito de

Aspectos da Casa do Gaiato

em Paço de Sousa



iniciativa, força de vontade e senso prático, eles hão de pegar-vos pela mão e colocar-vos no lugar que mereceis. Às vezes é preciso começar por servir de escabelo. De varredor da rua ou engraxador se pode chegar a Presidente da República. Nenhum dos que até agora presidiram aos destinos da Nação, era de sangue real... O nosso Pai Américo, foi «paquete» e agora... Portugal é pequeno para ele.

Nenhum dos caminhos do futuro vos está vedado, mas primeiro que tudo, segui o da virtude.

P.º ADRIANO

Lar do ex-Pupilo

SUA RAZÃO DE SER

Para não faltarmos com a colaboração, tivemos que lançar mão deste recurso e fazer um pouco de história sobre a origem e vida desta Casa.

Aliás, esta ideia vai ao encontro do desejo de muitos leitores do jornal, que desconhecem a existência do Lar e perguntam onde fica ele, qual a sua finalidade e como vive. Não será, por isso, descabido este breve esboço histórico. Ele exprime ainda, em derradeira análise, a homenagem de gratidão dos pupilos do Lar ao seu glorioso Fundador, agora que ele se encontra em terras do Brasil e a sua ausência nos faz recolher e meditar sobre o muito que lhe devemos no aperfeiçoamento das qualidades nobres e espirituais da alma de cada um.

O Lar do ex-Pupilo das Tutorias e dos Reformatórios do País (é este o seu nome completo) fica na parte alta da cidade de Coimbra, junto da Universidade. Abriu no dia 1 de Janeiro de 1941, com cinco rapazes do Refúgio de Coimbra e verifica-se, pelo livro de registos, terem passado por ele, até à data, 108 rapazes, provenientes de todas as casas de educação do Estado. A obra do Lar do ex-Pupilo é mais nova um ano que a Casa do Gaiato.

Segundo o artigo 1.º das suas Constituições, «é uma instituição particular, para amparo e orientação dos menores que tiverem atingido o limite de idade dentro dos Estabelecimentos do Estado, sendo por essa razão, e em virtude das Leis, entregues às famílias, aos tutores ou à rua».

Esta idade é, normalmente, dos 18 aos 20 anos. Rapazes há que, quando a atingem, não podem bastar-se a si próprios, já porque não têm família, já porque a sua preparação é insuficiente para enfrentar as duras realidades da vida. O regime educativo dos Estabelecimentos não lhes permite contacto com a vida cá fora, de maneira que, é profundo o choque que sentem entre a rotina da vida monótona que até então tiveram e as constantes vicissitudes da vida real que se lhes apresenta flagrante na sua novidade.

Ora, se não têm família que possa exercer sobre eles uma adequada vigilância, no sentido de os introduzir lentamente no palco do mundo, e se a preparação deles é insuficiente para se oporem a um declive brusco, é fatal um naufrágio com todas as consequências de miséria.

Foi precisamente para evitar a perda destes entes humanos que nasceu a obra do Lar. Dentro dele, o pupilo continua submetido a um regime educativo, com a diferença de que, aqui, se pode chamar antes auto-educação, visto que o rapaz deixa de estar sob a orientação de um funcionário, de um guarda, para ser ele *guarda* de si mesmo. A sua actividade profissional nos vários ramos da indústria e do comércio garante-lhe uma adaptação às vicissitudes da vida, visto que desse labor o rapaz tem que dar informações da maneira como se conduz. Assim, aquele mínimo de preparação que trouxe dos Estabelecimentos pode salvar-se quando bem orientado, crescer e desenvolver-se para, amanhã, o rapaz poder já, viver sobre si, sem grandes dificuldades de adaptação.

Acresce ainda que a vida do Lar lhe vai embelezar a alma e formar o carácter, estimulando o rapaz a constituir, por sua vez, o seu próprio lar, dentro das primícias de um verdadeiro cristão. É doutrina própria do artigo 2.º das Constituições: é uma obra dos rapazes lançada para eles, governada e conservada por eles, que cada um deve zelar e amar qual menina dos seus olhos, devendo portar-se dentro dela de tal forma, que mereça sair do Lar comum para o seu particular. É justamente para esse fim que o ex-Pupilo deve manter a sua caderneta em conta aberta com um Banco ou Caixa de Crédito, e se o benefício do Lar lhe dá vantagens monetárias, tem obrigação de as aproveitar, guardando e amealhando, sem jamais desperdiçar.

Este movimento monetário do rapaz está hoje muito bem controlado, graças ao carinho verdadeiramente paternal que o Sr. P.º Manuel lhe vem dispensado. Todos os pupilos têm caderneta, que apresentam aos fins dos meses, afim de que possam justificar o emprego do dinheiro. Não se pode chamar a isto coarctar a liberdade ao rapaz, mas sim orientá-la a caminho do bem. Há despesas necessárias de vestuário e calçado, de ropinas na Escola Comercial e Industrial, e também de mínimas extravagâncias, porque um homem não é de pau. Mas o pecúlio disponível vai subindo todos os meses, a ponto de alguns terem já os seus três ou quatro milhares de escudos.

(CONTINUA)

O OCTÁVIO

Dentro em pouco, o Octávio será a pessoa mais popular de Lisboa.

No Registo Civil aparece, como mãe, o nome duma mulher que não é a mãe dele; mas, em contra partida, conta três senhoras que lhe chamam filho.

Conquistou já meia cidade: tem os correios nas mãos, algumas companhias de seguros, sociedades comerciais, bastantes cafés e algumas igrejas.

Um dia voltou da capital seriamente comprometido. Vinha com cara de réu, mas do mais criminoso dos réus.

Que se teria passado?

Os companheiros não o sabiam dizer, nós não adivinhámos, não havia testemunhas.

Só uma coisa estava ali a acusar: a consciência. Nunca apelamos para ela em vão! Apertado com perguntas o Octávio pôs os olhos no chão. O silêncio era ainal certo de crime. Por fim lá vem a primeira palavra:

— Eu rebento se não disser.

— Então diz lá, não rebentos.

— Bem, eu sempre tenho que dizer. Antes quero ser castigado que mentir.

—!!!

— Faltam dez tostões na conta dos jornais.

— Gastáste-os em rebugados?!

— Não. Pode matar-me se quiser, mas pode crer que os não gastei. De certo perdi-os.

Estava meia confissão feita, mas faltava o melhor. A consciência não lhe ficava ainda tranquila. Os olhos não tinham ainda a limpidez habitual.

— Ainda era mais qualquer coisa. Anda; dize-lá!

— É que eu fui para o Terreiro do Paço, um bocado, ver os navios e as gaiotas do Tejo...

Que grave crime!

Muita gente tem beijado esta criança de 8 anos mas nunca ela o mereceu tanto como desta vez.

Mães que me ledes: ensinai aos vossos filhos este amor pela verdade — antes ser castigado que mentir; habituai-os à limpidez de consciência — eu rebento se não disser; a confissão!

Velai pela sua consciência, preservando-os do mau cinema, das más companhias, leituras, etc.

Aqui está o que encanta as crianças: navios do Tejo, gaiotas, passarinhos, o campo, as flores, os animais.

Um senhor de Lisboa, a quem o Octávio arrancou duma vez vinte e dois contos para a Casa do Gaiato, de certo por ter notado nele uma vivacidade invulgar, recomendava-me com seriedade:

Eduquem esses rapazes. Ninguém nos garante que algum deles não venha a ser o condutor da Nação. Ai de nós se um homem sem educação viesse a ocupar um lugar de comando. E insistia; eduquem-nos! A educação é tudo.

Viaço larga a deste Senhor, tanto nas palavras como nas obras.

De facto já se tem visto, salteadores tomarem nas mãos as rédeas do governo, para tiranizarem os povos.

Põe aqui os teus olhos, Lisboa! e treme!!



O Octávio mai-la sua borrêga

Do que nós precisamos

Desvendou-se afinal, aquele mistério de Sangalhos: era uma bicicleta que estava escondida dentro das duas palavras — alguma coisa.

Põe-se aqui logo nas primeiras linhas, porque uma Imperium nunca fica atrás, nas mãos dos estradistas. Tão veloz que, logo à primeira, o chefe partiu os queixos dela abaixo. A culpa, segundo ele afirma, não foi do cavalo nem do cavaleiro, mas dum muro que se pôs à frente.

Alquerubim mandou livros para o Faísca e o mesmo fez o Porto e o autor da «Ressurreição de Alcoçaba». O Orlando anda agora todo brioso com o Novo Testamento encadernado a primor dentro dum saquinho azul, ao tiracolo. Quem dera que ele o ponha no coração. Mais 50 para o pobrezinho canceroso. Quando iam a trepar a escada escura, recebemos a notícia de que tinham findado as suas dores. Outros serão beneficiados.

Os pobres do Barredo agradecem também os 100 para laranjas. Voltei a passar por lá. Causa profunda tristeza a melancólica solidão de tantas crianças infesadas que aguardam um dia inteiro dentro duma canastra, a mãe que foi governar a vida. Felizes as de Coimbra, que têm ao seu serviço as Criaditas dos Pobres.

Mais um faqueiro inoxidável com 36 peças e da mesma casa, uma cautela. Mas Santo António foi dar a sorte a outros.

O príncipe anda radiante com o fio e o peixe que recebeu da Granja, e a malta não sabe o que há-de fazer à *senhora dos emblemas* que lhe povoou a cascata com um milho de forasteiros. Só visto.

Mais uma oferta de roupas usadas, «em sufrágio da saudosa filha, que ela andava a juntar para aí levar, mas quiz Deus levar esse anjo para junto de Si, por isso venho eu cumprir o seu desejo».

Tudo aqui vem ter: saudades dos que partem, luto dos que ficam, consultas de almas atribuladas, gemidos dos pobres, desabafos de oprimidos, hinos de acção de graças, ardentes votos de prosperidades, pedidos sem conta de lugares para infelizes, etc., etc.

As Casas do Gaiato, mais do que santuários de almas, são agências divinas.

Mais roupas de Santarém, Alvaro, Alcanena, Lourenço Marques — «roupas de dois anónimos, auxílio pequenino à grande Obra do Bom Padre Américo». Idem de Vilar. «É um caloteiro que deseja que o tirem do canto. O que mando é pouco, mas é dado com algum sacrifício, porque são poucos os ganhos e mal chegam para sustentar a mulher e seis filhos e ainda tenho de ajudar a viver os médicos e os farmacêuticos». O que faz grande esta Obra, é a generosidade, o sacrifício e o amor dos que para ela contribuem.

Mais cem dentro dum envelope com um cómico «cá vão eles». Mais Covilhã, Lisboa, Porto com infinitas coisas da rua dos Clérigos.

Chapeus de palha, de Braga, e «se quiser mais, é só pedir».

Mais 500 para sufrágio de saudoso marido e 20 também de luto carregado e 50 pelo mesmo motivo. Nós cumprimos piedosamente.

Dos visitantes, nem falar. Vêm por terra, pelo mar e pelo ar.

Muitas escolas com os mestres à frente. Ainda bem que estes se não contentam só com as letras. Mais do que ensinar, a sua missão é educar. A melhor lição do ano é a que eles aqui dão aos seus alunos. A Escola Normal do Porto e a de Gondomar, primaram.

Pelo mar, também sim senhor. Muita gente do Brasil com pena de não estar lá agora. Trazem mensagens admiráveis. Um primor, a última que nos vieram trazer. Um livro admiravelmente apresentado e fotograficamente documentado, 100 assinaturas, já com 10.100 cruzeiros à frente. Os administradores do jornal andam aflitos com trabalho. Mais sessenta nomes de *Maria da Covilhã*, etc., etc. Os *maises* encheriam o jornal, se cá os pusessemos todos. Bendito seja Deus!

Pelo ar! Aviões. É a desordem quando descem à aldeia. Escolas, oficinas, professores, artistas tudo vai para a rua acenar.

O *Risonho* ficou com pena. Queria que o avião passasse dentro da cascata...

Lêde e propagai
"O GAIATO"

Isto é a Casa do Gaiato

HÁ meses que o Sérgio jurou Badeira, no Porto. É um rapaz fisicamente bem constituído e um valente.

Tem dado provas disso nos trabalhos mais violentos da casa, nos desportos e na chefia das casas para o que tem sido eleito várias vezes. No quartel parece que é a mesma coisa e, por valente, foi escalado para servir a Pátria em Macau.

Muitos colegas a quem coube igual escala, ficaram desolados. Há por lá lágrimas piegas, que Nun'Alvares teria verberado sem dó nem piedade.

Sérgio ri-se dos maricas.

É assim mesmo!

Há por aí muito valente a oantar em dias de festa: contra os canhões, marchar, marchar; mas se a Pátria estivesse em perigo...

A tua galhardia posta à prova na hora decisiva (que Deus afaste) havia de ser um nobre exemplo, Sérgio!

Nem podia ser outra a atitude dum Português que faz parte da ala dos namorados.

VEIO aqui há tempos uma família, visitar a Casa. O *Entroncamento* foi o primeiro que apareceu a servir de cicerone.

De tal modo os senhores eram bons ou o rapaz se insinuou no ânimo deles que ficaram logo amigos, prometendo enviar-lhe um par de sapatos para o trabalho.

Pouco depois vieram os sapatos, e logo ficou a promessa de mais um par para o domingo.

Correu fama a generosidade dos senhores, que não tardaram a trazer um luxuoso par de sapatos amarelos.

O rádio e o Manel pedreiro, picados de inveja, trataram logo de des-

calçar os que traziam e, de pésinhos mimosos, foram pôr-se em lugar de poderem ser vistos pelos generosos amigos do *Entroncamento*. As bichas não pegaram... e os espertos, descobertos pela malta, levaram uma grande surriada.

Cautela, senhores! Cautela com a armadilha do pé descalço...

CHEGOU-NOS do Albergue, há tempos, uma engraçada trindade de irmãos.

O mais pequenino, de cinco anos apenas, vai dar que falar. Uma hora depois de entrar, já tinha medido a Casa de alto a baixo.

—Gostas de cá estar?

—Gosto muito.

—Porquê?

—Porque aqui não há gatunos, nem cinturão, nem casse-tete...

Se alguém entrar no atrio do Palácio e for abordado por um gorducho, de alças caídas, pingo no nariz, a estender a mão com ares de importância, —é esse.

Foi assim que ele apareceu ao Sr. Cardeal, e do mesmo modo apareceria ao Papa ou ao Sr. Churchill.

Não se faz rogado quando lhe pedem para oantar uma cantiga. Sob o primeiro degrau ou mesa mais próxima, (qualquer coisa serve mesmo o estribo do Overland), faz sinal com a mão e começa.

«Atenção: vou cantar o Chico-cata-tau, e entra: lá em cima stá o tiro-liro».

O relatório esgota-se. Tivemos de tirar-lhe os números mais sujos.

Há dias saiu um número novo. Chegou junto do visitante, meteu-lhe a mão ao bolso e exigiu: —Tu fumas.

Deixa-me ver cigarros que eu também sei fumar. Eu já fumava, na rua».

Cinco anos!

Como a mestra Rua, começa cedo as suas lições!

Que viria a dar um tão bom discípulo, criado à solta? Procure-se a resposta nos aljubes.

HA' quem se regosige e nos censure, por não conseguirmos tudo de todos.

Nós, mais do que ninguém o lamentamos, mas há forças superiores às nossas forças.

Só Deus sabe o prodígio de vontade que muitos destes rapazes revelam para conseguirem aguentar-se durante algum tempo.

O caso do *Madeira*, assim crismado por ser da ilha, confirma isto mesmo. Nunca lá conseguiram nada dele. Fugiu da família, fugiu da escola e da própria ilha.

A princípio andava ao tostãozinho, que apanhava no fundo do mar, atirado por algum turista que visjava em transatlântico; depois, espírito de aventureiro, começou a embarcar clandestinamente percorrendo as nossas colónias quase todas.

Veio parar à nossa casa, não sei como.

De letras não sabia nada: agora já mete o nariz na 3.^a classe; e de officio, começou a ganhar como serralheiro. Impetuoso e inconstante como o mar, tem dado que fazer.

No dia do embarque do Sr. P.^o Américo, foi escalado, pelo seu bom comportamento, para ir assistir à despedida do *Serpa Pinto*.

O barco, a marinhagem, as cordas, os mastros embandeirados, os lenços,

a melancólica despedida ao som da música de bordo etc., reacenderam nele a nostalgia do mar.

Voltou transtornado. Andava taciturno. O mar fervia-lhe nas veias em oanhão.

Fugir... ficar... ficar... fugir? era a luta que na sua alma se debatia.

Resolveu ir embora; mas antes, teve o bom senso de pedir a sua documentação.

—Para que queres tu isto?

—Quero ir-me embora.

—Para onde, se ninguém te pode recolher?

—Vou outra vez para a *mergulhança*.

Para a *mergulhança*!

Uma palavra amiga foi o bastante para não ir ao fundo desta vez.

Outros há que não resistem a outras tentações mais furiosas. Caem.

Assim sucedeu por exemplo com o Carlota.

Fugiu uma vez, regressou depois.

Nessa altura descreveu o ambiente familiar, em que se revela o virus hereditário, que a maior parte destas crianças trazem no sangue e de que são vítimas inocentes: «minha mãe esta na mesma; a minha irmã tem já dois meninos do meu padrao». Este não resistiu, mergulhou. Quem puder que o salve.

Quem nasceu de pais oristãos, não sabe quanto deve a Deus. Que seja grato!

Quem nunca caiu, que seja igualmente grato. Segure-se para que não caia, e reze pelos fracos.

Quem caiu, melhor compreenderá a falta albeia, saberá perdô-la. Que se levante; pega o auxílio do Alto para si e para os outros.

Quem nos compreende, que nos ajude a amparar os fracos e a reerguer os caídos.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

O nosso Casal O nosso Casal Agrícola, continua em andamento. Não tanto como o Convento de Mafra... onde chegaram a trabalhar 45.000 operários... Nem pensar nisso. Contudo, trabalham 18 homens só no Casal, e, cá dentro de casa, são 5 e no campo 7. E se fôssemos a dar trabalho a todos que cá vêm pedi-lo, eram mais de duzentos. Deus queira que o nosso Pai Américo traga muito dinheiro, para podermos andar mais depressa.

D. João V mandou construir o Convento de Mafra com o ouro vindo do Brasil; por isso, nós também estamos a contar com a ajuda desta terra riquíssima da América do Sul, para a construção deste grande Casal, que há-de ser para nós e para outros rapazes que não-de vir, daqueles que andam pelas ruas de Lisboa, a pedir esmola.

Bocas do Mundo Na última vez que fomos vender o Famoso, um dos quinze regressou triste. Fora um senhor que estava no café Portugal, que lhe dissera, que cá só se aprende a rezar e mais nada. Ora isto causou tristeza ao rapaz, visto que, cá aprende-se a rezar, mas também a trabalhar. Graças a Deus, há cá escola e oficinas, embora estas sejam, por enquanto, rudimentares.

Por infelicidade, foi logo com um dos da 1.^a classe... O tal senhor, disse o seguinte:—Eu dou-te os dez tostões, mas, é por ser para

vocês, porque, se fosse para os pares, não dava nem tostão. Depois, fez-lhe nova pergunta:—Sabes ler?

—E o rapaz, que está cá há só um ano, falou a verdade:—Não senhor. Como este senhor há muitos, que dizem as mesmas coisas. Ora para evitar tudo isto, pedíamos aos nossos leitores, mais uma vez, que nos venham cá ver, e depois falem.

Agora sim!! Já temos equipas. Andamos a ver quando é que chegava esse dia. Parecia-nos que nunca mais elas vinham. Foi aquele senhor do Porto, que há coisa de um ano as prometeu, que no-las deu, pelo menos foi ele que as mandou.

O primeiro desafio que fizemos, foi com alguns rapazes duma escola industrial de Lisboa. Empatamos por 2-2. Também já nos ofereceram a bola: agora só faltam as redes, para as balizas, e as chuteiras.

Novamente convidamos os nossos estimados leitores a visitar-nos, seja de automóvel ou camionete, tudo cá vem ter. Ainda estamos esperando pelos escuteiros, liceus, colégios, escolas, creches e tudo o mais que cá quizer vir!

Espertezas Aqui há coisa de uns cinco dias, a Senhora Professora mandou um gaiato, o Virgílio, à cozinha, buscar um copo e uma colher das de sopa, para tomar o remédio. Este chegou-se lá e deu o recado à Senhora. Mas, a Senhora, como tinha muito que fazer, disse-lhe que a fosse

Notícias da Casa de Miranda

1 No domingo fomos dar um passeio de bicicleta até Condeixa. Fomos cinco daqui, indo também o nosso professor e o sr. António que é o carpinteiro de cá. De Coimbra foram também cinco, acompanhados do sr. Filipino. O sr. padre Manuel foi daqui no carro, levando a comida. Seguimos depois todos para Alcabideque, onde cozinhamos e comemos, num pinhal, umas batatas cozidas com bacalhau que souberam melhor que o melhor manjar do mundo. Regadas, é claro, com bom vinho; tendo depois comido à sobremesa nêspas, que levamos daqui. Depois seguimos em pelotão para as ruínas de Conimbriga,

buscar e que a levasse à escola. Ele chega-se ao panelão, com uma colher e enche-a de sopa. A Senhora reparou e perguntou-lhe o que estava a fazer. Então, ele respondeu-lhe, que estava a encher a colher de sopa para levar à Senhora Professora...

Cólicas Os exames estão à porta! Os da 3.^a classe, à hora da saída deste número do Famoso, já fizeram o exame. Bem? Mal? Nada podemos dizer, mas, vontade não lhes falta de ficarem bem... Nós, os da 4.^a, andamos 3. Da 1.^a a 2.^a passam 17, da 2.^a a 3.^a passam 6, entre grandes e pequenos, isto é, do curso diurno e nocturno.

Os exames da 3.^a serão feitos aqui no Tojal, e os da 4.^a em Loures. Deitaremos foguetes de contentes? Direi no próximo número Deus queira que sim.

onde vimos aqueles lindos soalhos com desenhos das mais variadas formas e cores, feitos com pedrinhas quadradas. Não sei como aquela gente teve paciência para fazer aquilo. Em seguida fomos comer umas cerejas que tínhamos comprado em Alcabideque. E assim terminou este rico passeio, do qual temos as mais gratas recordações.

2 No dia 21 deste mês, realizou-se cá o baptizado de um rapaz, chamado Charana. A' noite, para festejar o facto, o sr. padre Manuel deu à rapaziada rebuçados e uma garrafa de vinho do Porto, cantando depois alguns gaiatos. Terminando depois com algumas palavras do sr. padre Manuel.

3 As nossas árvores de fruta estão carregadas, principalmente as ameixoeiras, que ainda estão verdes; mas já estão a tentar alguns, porque já foram castigadas 3 por causa de comer a respectiva fruta verde.

4 Há dias fomos encontrar as coelheiras abertas; fomos ver o que lá havia, mas qual foi a nossa admiração quando lá só se encontravam dois coelhos, desaparecendo. Viemos depois a saber que tinham sido os cães os autores da proeza.

5 Há dias estava na cozinha quando lá chegou um rapaz que começou a olhar para o panelão da sopa, e estando lá escrito 70 litros ele exclamou: Eh pá! o panelão leva 70 quilómetros.